

384 ANOS : BELÉM QUE OLHA PELO SEU POSTAL - O VER - O - PESO.

Ei, lá vem a canoa, o homem, o peixe e o turista que come!

*Sandra Christina Ferreira dos Santos **

Resumo: Este estudo apresenta uma análise formal e conteúdística das obras dos artistas plásticos Righini e Rohit que tem como tema Ver-o-Peso. O referencial teórico centrou-se em DONDIS (1991), OSTROWER (1998), FRANCASTEL (1994) e IANNI (1998). O estudo revela nesta leitura um Ver-o-Peso, que além de contar a história da cidade de Belém em diferentes épocas, aponta possíveis vertentes de leitura em nível perceptivo e intelectual. Nesta ação a abordagem perceptual não presentifica-se só pela análise da forma artística, mas nos sentidos de um tempo que muda a partir da intercessão cultural.

Palavras Chaves: Ver-o-Peso, análise formal e conteúdística.

Falar dos 500 anos de Brasil e mais especificamente de nossa Belém é como navegar em berço ao sopro do vento...do qual não pretendo sujeitar a minha fala ao rigor das amarras de um texto formalmente científico. Meu olhar navegará interpretando uma Belém que heroicamente tem mostrado-se num tempo complexo através de seu cartão postal Ver-o-Peso, revelando a invasão cultural, efervescente de uma globalização com sua multiculturalidade e a hegemonia do capitalismo, bem como o provicianismo presente em nossas ruas, bairros e no comportamento de muitos paraenses.

O Estado do Pará e mais especificamente a cidade de Belém foi palco de situações históricas de dimensões nacionais e internacionais, a exemplo do movimento da Cabanagem (1835) e na

atualidade o massacre de Carajas (1996). Mas o Ver-o-Peso é um recorte neste contexto, porque conta as mudanças cotidianas presentes em seu interior advindos pelos seus veios que entram e saem do Rio Guajará.

O Ver-o-Peso é uma feira livre, ou seja, um "entreposto comercial", que ao longo desses anos tem sofrido com a expansão cultural. Sem infra-estrutura adequada, vem mostrando vários problemas sociais, no seu cenário em que ricos e pobres transitam em busca daquilo que ali se encontra - alimentos e outros tipos de vendas variadas, ou seja, não deixando de ser - entrada e saída de muitas vidas, de relações humanas e comerciais. Tal como na poesia de Max Martins o Ver-o-Peso é visibilizado por suas peculiaridades: transeuntes cotidianos, trabalhadores, turistas, ruas, Rio Guajará que permite o transporte e a alimentos regionais.

** Profª. Ms em Arte e Educação UNAMA e UEPA*

A canoa traz o homem
 a canoa traz o peixe
 a canoa tem um nome
 no mercado deixa o peixe
 no mercado encontra a fome

a balança pesa o peixe
 a balança pesa o homem
 a balança pesa a fome
 a balança vende o homem

vende o peixe
 vende a fome
 vende e come

a fome
 vem de longe
 nas canoas
 ver o peso

come o peixe
 o peixe come

- o homem ?

o homem não come
 come o homem
 compra o peixe
 compra a fome

vende o nome
 vende o peso

peso de ferro
 homem de barro

pese o peixe
 pese o homem
 é a fome
 vem do barro
 vem da febre
 (a febre vê o homem)

veja a lama
 veja o barro

veja a pança

o homem
 come a lama
 lambe o barro
 ver o verde
 ver o verme
 o verme é verde

está na lama
 está na lama
 é só escama
 a pele do homem

está com fome
 vê o peixe
 vê o prato
 não tem peixe
 tem fome
 a fome pesa

o peso da fome
 peça por peça
 pese o peixe
 veja o peso
 peixe é vida
 peso é morte
 homem é fome
 peso da morte
 peixe de morte
 a sorte do peixe
 é o peso
 azar do homem

pese o peixe
 pese o homem
 o peixe é preso
 o homem está preso
 presa da fome

ver o peixe
 ver o homem
 vera morte
 vero peso.



"Maré Cheia", 1868. Antar Robit. Serigrafia/papel, 66x96 cm.

No universo da fera, transita a riqueza com a exportação e importação de produtos. Este cenário, também, não deixa de ser um ponto turístico. No entanto, mesmo como espaço de transição comercial retrata, também, a dimensão das diferenças culturais e desigualdades sociais.

Nesses 500 anos, Belém com seus 384 veio navegando a passos lentos, é verdade que muitas mudanças ocorream, mas as marcas do imperialismo colonial são extremamente presentes, em decorrência de interesses que estão fazendo a qualidade de vida da sociedade ficar mais diferenciada, principalmente para os menos favorecidos. Na medida em que amplia-se a centralização do apoio governamental aos estados mais urbanizados, industrializados e desenvolvidos economicamente, a desigualdade e dependência tornam-se mais efetivas para a nossa região.

O Ver-o-Peso é um patrimônio histórico que precisa ser restaurado e conservado continuamente, com estudos que reordenem a sua urbanização, para que a memória de nosso povo não seja desalmada.

A existência da memória, bem como, das transformações exercidas nesse patrimônio até os nossos dias, deve-se muito aos artistas, que com suas formas de expressões visuais nos comunicam o tempo vivido e hipoteticamente o que pode vir a ser. Sem descaracterizar a minha formação de artista e educadora faço uma análise formal, de maneira que possamos perceber o processo de criação dos artistas, e também a época da qual as mudanças fazem parte. Nesse navegar lanço a minha rede para olhar e situar Belém, mais precisamente o Ver-o-Peso, retrado nas obras de Righini, "Belém do Pará" datada de 1868 e Rohit, "Maré

Cheia” de 1997, nas quais incorporam suas subjetividades, captando o tempo com seus enigmas. A análise formal e conteudística está fundamentada pela abordagem teórica de DONDIS (1991), OSTROWER (1998), FRANCASTEL (1994) e SANTOS (1999).

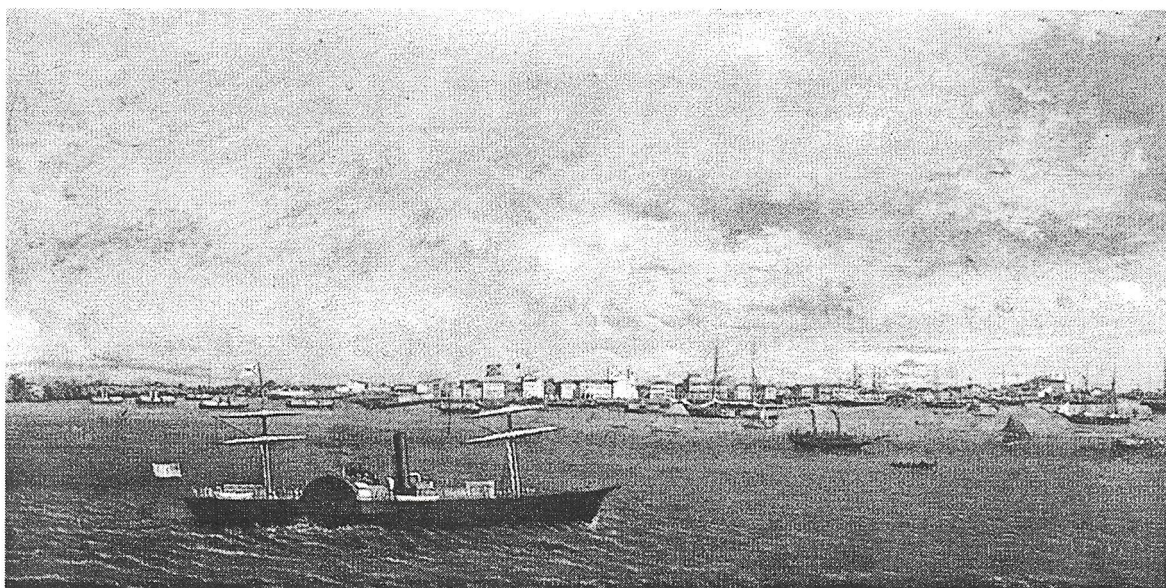
Ao discutir o significado, a função do componente de comunicação e suas regras de construção da gramática visual, considerando as transformações presentificadas à visualidade na era tecnológica, DONDIS (1991), enfatiza que o ver apresenta a necessidade de um adentramento à imagem, no que concerne à identificação de seu significado, segundo a estrutura ordenada para a aparência da imagem. SANTOS (1999, p. 30)

Para OSTROWER (1998), o ato de criar processa-se com a percepção do visível, que possibilita a operacionalização mental na construção da imagem. A percepção é o processo mental que se dá partindo de estímulos visuais, seletivos, ordenando o apreendido, segundo critérios pessoais, muitas vezes presentes no subconsciente e ou inconsciente, só vindo à consciência

quando processado por relações. Os estímulos promovem sensações, a ordenação mental desses se dá com base nos conteúdos emocionais e intelectuais do sujeito.

Para FRANCASTEL (1994), toda imagem revela uma maneira de conceber o mundo e, portanto, traz em si a possibilidade reflexiva sobre a concepção perceptiva. As imagens criadas são constituídas de elementos visuais selecionados, segundo regras estabelecidas pela pessoa que cria, estendendo da realidade, qualidades que são transformadas pelo seu imaginário.

Na obra de Righini, é possível perceber a linearidade com predomínio da horizontalidade realística da frente do Ver-o-Peso, com seus casarões, barcos e velas...A luz revela um entardecer lento envolvido por um céu ocre sobre o rio verde-azulado e a cidade iluminada através da luz e sombra. Seu equilíbrio assimétrico pontuado por uma vela que encontra-se em primeiro plano é compensado pela linha do horizonte que atravessa o quadro da esquerda para direita com a imagem de casas, barcos e velas -



“Belém do Pará”, 1868. Leon Righini. Óleo s/tela, 210x105 cm. Acervo do Museu da UFPA.

instigando o espectador a pensar que a mesma prolonga-se além do enquadramento, que apenas por um flash do olhar de Righini, captou-a como um fragmento, uma parte e propõe ao espectador construir, pelo imaginário, a totalidade da imagem. Além dessa característica, a obra revela a força e delicadeza do artista que deixa seus sinais registrados por leves e finas pinceladas. Nessa obra, Belém é serena, calma de um tempo que custa a passar.

Essa obra retrata o movimento artístico neoclássico. O cenário revela um navio com a bandeira dos Estados Unidos do período em que o transporte fluvial foi amplamente dinamizado com a importação de navegações a vapor, reduzindo o tempo das viagens e com isso expandindo o comércio da borracha em nossa região, o que já podemos denominar de globalização e a hegemonia da cultura do colonizador americano no século XIX.

A expansão desse comércio proporcionou o desenvolvimento urbano com a chegada dos imigrantes de todo o país e mais especificamente os nordestinos que fugiam da seca, aviltando a possibilidade de riqueza com a exploração desse produto, financiado pelo capital estrangeiro.

A obra de Rohit (1997) revela o Ver-o-Peso de um final do século XX, mostrando o mercado e o seu entorno, o artista mostra o mercado pelo que lhe é mais envolvente - a água e, tudo é visto como se estivesse flutuando, com predomínio vertical, mas o prédio do mercado do Ver-o-Peso toca a parte superior do enquadramento através de uma verticalidade inclinada, proporcionando um dinamismo irônico, dando a sensação de que o mesmo pode vir a cair, mas ao mesmo tempo as cores imprime-lhe uma alegria e calor configurados pelo vermelho e o azul,

caracterizando um anoitecer azulado com estrelas. O rio de águas vermelhas invade Belém trazendo o alimento, a vida num vai e vem constante.

Rohit utiliza-se da técnica serigráfica sobre papel, que difere da óleo de Righini. A primeira confere ao autor o abandono do pincel e a inserção da máquina. Logo, a ação do artista torna-se ser ausente-presente, estar e não estar - a obra desvela-o como enunciador, pois o seu gesto é mediado pela máquina e é esta que mantém uma relação direta com o papel, ele não age diretamente sobre esse suporte. Já, na obra de Righini, proporciona ao artista o contato direto com o suporte, as marcas de suas pinceladas expressam o seu corpo em movimento minucioso, cartesiano na distribuição estrutural da imagem.

Em ambas confirma-se a identidade cultural da cidade e, consequentemente, da região, mesmo com a queda do Ciclo da Borracha, novos empreendimentos foram estabelecidos, entre eles: o extrativismo madeireiro, do ouro e de pedras preciosas, além da produção de alimentos, estendendo-se até os nossos dias.

A identidade cultural é construída na relação com as diferenças, para tanto, o diálogo precisa imperar por um inter-relacionamento complexo e dialético, para que não resulte na cooptação das forças das minorias levando a um neocolonialismo.

Sabemos que a expansão do capitalismo tem mostrado que " ...o globo não é mais exclusivamente um conglomerado de nações, sociedades nacionais, estados-nações, em suas relações de interdependência, dependência, colonialismo, imperialismo, bilateralismo, multilateralismo" (IANNI, 1998, p.13).

Nesse ínterim, o Estado do Pará, e mais especificamente Belém tem, através de algumas administrações com suas políticas públicas, dimensionado à cidade a possibilidade de enquadrar-se entre as grandes capitais do país. *Navegar é preciso...* no entanto para que o progresso realmente efetive-se é necessário minimizar as diferenças políticas, que ao nosso ver mais tratam de interesses particulares, de dimensões sincrônicas e ou diacrônicas. Nesses 384 anos, mesclam-se e tensionam-se particularidades e universalidades, situações que precisam ser enfrentadas como desafios. Logo, o subtítulo - *Ei, lá vem a canoa, o homem com o peixe e o estrangeiro que come*, proporciona a você, leitor, a possibilidade de descortinar o passado e o presente dessa cidade.

É verdade que não podemos evitar as transformações que vem ocorrendo com a globalização, mas também é necessário compreender que não precisamos dezimar a nossa cultura: “ nossa história só terá realidade quando o nosso imaginário a refizer a nosso favor “. (Cecim, 1984, p.20).

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- CECIM, Vicente et alli. **As Artes Visuais na Amazônia:** Reflexões sobre uma visualidade regional. Belém-Pará: SEMEC/FUNARTE, 1984.
- DONDIS, A. Donis. **A Sintaxe da Linguagem Visual.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- FRANCASTEL, Pierre. **Imagem, Visão e Imaginação,** São Paulo: Edições 70, 1983.
- IANNI, Octavio. **Teorias da Globalização.** 5º ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- OSTROWER, Fayga. **A Sensibilidade do Intelecto.** Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- Prefeitura Municipal de Belém. Fundação Cultural do Município de Belém. Museu de Arte de Belém - **Ver-o - Peso:** o que se narra, o que se vê, Belém- Pará, 1999
- SANTOS, Sandra Christina F. dos Santos. **Subjétil-Objétil-Projétil:** estudo da percepção e cognição dos alunos e de uma professora-artista. Belém-Pará, Dissertação de Mestrado em Educação, da Universidade da Amazônia, 1999.